TL 7483-21

MENSAGEM

Enviada pelo

COMANDANTE XANANA GUSMÃO

Excelência Senhor Presidente da República
Excelência Senhor Primeiro Ministro
Senhor Representante das Nações Unidas
Senhoras e Senhores
Caríssimos Amigos de Timor Leste

Em nome do mil vezes heróico Povo de Timor Leste, quero agradecer a todos a gentileza da vossa presença amiga que dá a este evento histórico um significado e um calor humano especial.

Eu sei que, a partir de hoje, nós os timorenses somos alvo de uma cautelosa expectativa. Sobre este evento a par de dúvidas nasceram muitas perguntas, a par do cepticismo nasceram também muitas questões.

E é tudo isto, que esta Convenção vai-se esforçar por aclarar, vai-se esforçar por apresentar um projecto político que regule o pensamento e coordene os actos de todos os timorenses.

A Convenção Nacional Timorense na Diáspora é, sobretudo, um desafio. Desafio às mentalidades, desafio às práticas, desafio às atitudes e desafio aos compromissos.

Não prometemos resultados extraordinários, prometemos responsabilidade e seriedade. Não prometemos perfeição, prometemos honestidade e consciência pelo erros.

Queridos Compatriotas

Quem imaginaria que só 24 anos depois da Revolução dos Cravos, é que os timorenses puderam realizar que desperdiçamos demasiadas energias, morais, psicológicas, intelectuais e políticas.

Foi necessário demasiado tempo para finalmente nos comprometermos com os justos princípios da luta. Foi necessário demasiado tempo para nos compenetrarmos de que não devíamos, cada um, continuar a remar contra a maré dos desafios que vão aparecendo e que só juntos poderemos enfrentar e só juntos poderemos fazer algo, mais concreto e de valor. Foi necessário demasiado tempo para concordarmos que

apenas estávamos separados em diferentes vagões da mesma locomotiva, trilhando o mesmo carril da determinação na luta, com o mesmo objectivo de vencer.

Por grata ou talvez por irónica coincidência, a Convenção vai-se realizar em período de comemoração do 25 de Abril.

De Abril de 1974 a Abril de 1998, foi um longo e penoso percurso político. E esta quadra comemorativa do 25 de Abril, deve trazer a todos nós o sentido de uma séria e profunda reflexão política, pelo significado histórico que aquele acontecimento trouxe para os destinos de Timor Leste.

Numa rápida retrospecção, reparamos que nunca fomos totalmente alérgicos à vontade de nos unirmos, para juntos resolvermos os problemas da Pátria. Infelizmente, a nossa história provou também que as boas intenções não bastam, quando não comungamos os mesmos princípios. A nossa história realçou que a falta de consistência nos compromissos que assumimos perante o Povo e perante e perante a Pátria, levou-nos constantemente a situações indefinidas e confusas. Situações que criaram encraves ao processo de consolidação de condições de avanço para fases mais avançadas da luta.

Em 1974, a coligação apareceu como um acto político de grande dimensão para o processo de descolonização. A sua ruptura provocou o enfraquecimento do movimento nacionalista. Um fatal erro histórico que cometemos.

Em 1986, estabeleceu-se a Convergência Nacionalista e pretendia-se, com isto, corrigir a situação decorrente do clima de desconfianças que persistia entre partidos políticos. Novamente, as boas intenções não conseguiram facilitar e desenvolver a harmonia nos objectivos de todos.

Em linha com o estabelecimento da Convergência Nacionalista e desejosos de tornar a luta mais abrangente a todas as forças sociais e políticas, integrantes na Resistência Nacional, tentou-se dar um novo espírito à realidade da luta. Foi criado o CNRM. Todavia, esta vontade manifestada de unir toda a sociedade timorense, voltou a entrar em conflito com a mentalidade parcial da luta que alguns ainda retinham.

Perante aquele sério desafio, prometemos ao nosso Povo que seriamos intransigentes e manteríamos o CNRM em defesa do princípio estratégico de "UNIR PARA RESISTIR MELHOR" ! Com o nosso Povo, que imediata e facilmente compreendeu os objectivos do CNRM, estávamos dispostos a afrontar todas as consequências. O CNRM apareceu assim distorcido na sua natureza, tendo até actuado (aparentemente) como se fosse um partido e foi erradamente considerado um "parceiro" das outras forças políticas. Bem quiséramos que não fosse assim! E nunca perdemos a esperança de que, um dia, os políticos e intelectuais timorenses dariam razão ao nosso Povo.

O nosso Povo é que é o soberano, é o nosso Povo quem merece as honras e o merecido respeito. O nosso Povo é quem ordena, é quem mandata. Não somos nós, frágeis pessoas, nem somos nós, indivíduos imperfeitos, que temos o real poder de decisão. As nossas decisões, os nosso compromissos só têm valor, quando verdadeiramente respondem aos anseios do nosso Povo.

Não poucas vezes, nos preocupamos mais com a impressão que podemos provocar nas pessoas do que com o que o nosso Povo pode sentir e sofrer. Não poucas vezes, praticamos actos mais para agradar as opiniões e negligenciamos totalmente em pesar sem não estamos a ofender o nosso Povo e se não estamos a insultar o sangue dos jovens, as lágrimas das mães e os sacrifícios de todos.

Ignoramos as nossas responsabilidades perante os sofrimentos do nosso Povo, quando cada um de nós pensa mais em si mesmo do que na grandeza da heroicidade do nosso Povo. Actuamos como se fosse real dever do nosso Povo lutar, sofrer e morrer para legitimar as nossas posições, o estatuto e as ambições de cada um.

Acumulámos demasiadas contradições no nosso seio, gerámos demasiados conflitos entre nós e isto tudo alimentou uma atmosfera viciosamente poluta e doentia. Em vez do mútuo respeito, reclamávamos poderes e em vez da compreensão, criávamos e incentivámos desconfianças. Em vez de nos ajudarmos, minimizávamos uns aos outros.

E nós todos sabemos que o ambiente ainda está enevoado de reservas, desconfianças, descontentamentos e queixas. Cientes disto tudo embora, estamos aqui resolvidos a juntar as mãos, estamos aqui resolvidos avançar, estamos aqui para abrir um novo capítulo na história de Timor.

Queridos Companheiros da Luta

Vamos iniciar a Convenção Nacional Timorense, que se realiza na Diáspora, porque não pode ser no território nacional, militarmente ocupado pelas forças indonésias.

Será a primeira vez que nos reunimos, representando as várias camadas do tecido político-social timorense.

O nosso martirizado e mil vezes querido Povo tem o olhar posto em nós e acredita que somos capazes de produzir algo positivo para a luta. O nosso Povo acredita sobretudo que os seus interesses estarão na base dos nossos debates e que os interesses da Pátria violada orientarão as decisões que viermos a tomar.

Vamos reafirmar com veemência ao regime indonésio e ao mundo que o Povo de Timor Leste reivindica o seu direito à auto-determinação e independência nacional. Fundamentos históricos e culturais de séculos concederam ao Povo de Timor Leste uma identidade própria. O direito internacional, os princípios universais, a carta e as resoluções da Organização das Nações Unidas dão legitimidade ao nosso direito de decidir pelo nosso destino.

É por este direito que viemos lutando, resistindo à criminosa agressão militar da Indonésia. Será por este direito que continuaremos a lutar até quando for necessário. Isto não quer dizer que somos pela confrontação. Muitas pessoas olham-nos no papel de agressores, quando nós é que somos as vítimas de agressão . Muitas pessoas exigem que paremos as acções armadas e vão vendendo armas à Indonésia para que a soldadesca ocupante continue a matar-nos.

O povo de Timor Leste ama a paz. O Povo de Timor Leste foi obrigado a oferecer resistência armada à cruel invasão militar de 7 de Dezembro de 1975.

O Povo de Timor Leste anseia a paz. Só uma verdadeira e duradoura paz em Timor Leste pode permitir que o nosso Povo se realize como tal e dê largas à sua integral capacidade de construir um futuro feliz para as gerações vindouras.

Mas uma paz verdadeira e duradoura só pode porvir de uma solução justa, da qual o nosso Povo se sinta verdadeiramente livre, se sinta soberano do seu destino.

A ilegal ocupação militar indonésia tem provocado efeitos desastrosos em Timor Leste: sofrimento, fome, doença, morte e uma já intolerável repressão física e mental sobre o nosso Povo. Por outro lado tem vindo a impedir que o nosso Povo inicie a edificação de uma sociedade justa, democrática e livre.

Nós advogamos o respeito pelos Direitos Fundamentais do Homem, nós advogamos uma democracia pluralista para a sociedade timorense, nós somos pela paz e pelo desarmamento, nós defendemos o princípio de diálogo para a solução dos conflitos e contribuiremos para a harmonia e cooperação entre povos e nações.

Para chegarmos a realizar estes objectivos fundamentais da nossa luta de libertação, continuamos comprometidos a resistir contra a ocupação de Timor Leste pelas forças indonésias.

Nesta era da globalização, em que não há um só país que se vanglorie de poder andar isolado do resto do mundo e das complexas relações entre povos e governos, apelamos a Sua Excelência o Secretário Geral da ONU para não diminuir o ritmo nem enfraquecer o carácter dos actos já efectuados em direcção a um diálogo franco e sério, abrangendo a resistência timorense, para que se encontre uma solução que ponha termo aos sofrimentos do Povo de Timor Leste.

Apelamos à comunidade internacional, em geral, ao governo dos Estados Unidos e à União Europeia, em particular, para, de acordo com os princípios universais e o direito internacional, dêem um efectivo apoio aos esforços do Secretário Geral da ONU na busca de uma solução pacífica, justa e que respeite os legítimos interesses do Povo de Timor Leste.

Apelamos a Portugal, na sua qualidade de potência administrante, a prosseguir com firmeza os actos necessários na defesa do direito inalienável do nosso Povo à auto-determinação e independência nacional.

Apelamos ao governo indonésio para se compenetrar de que é já hora para todos corrigirmos os erros históricos de ontem, demonstrando vontade política que venha a permitir que não nos consideremos inimigos mas vizinhos soberanos que podem construir m futuro de liberdade, de mútuo respeito, amizade e cooperação entre as duas nações.

Ilustres presentes

Não quero deixar a oportunidade de, em nome do Povo de Timor Leste, agradecer do mais profundo do nosso ser aos Orgãos de soberania portugueses e ao povo irmão português, o apoio e o carinho até agora demonstrados à causa timorense.

Os mesmos sentimentos de gratidão vão para os governos dos Palops e aos povos irmãos da língua oficial portuguesa, aos governos amigos, à solidariedade internacional, que sempre nos garantiram o seu apoio nas normas mais compatíveis.

Queremos, aqui também, fazer ouvir a nossa total solidariedade para com os povos sofredores do Sahara Ocidental e da Palestina. Estamos também solidários com o Movimento Democrático no Myanmar.

Queremos também afirmar ao povo irmão indonésio que acompanhamos, a par e passo, o movimento pela democracia na Indonésia. Os 2 povos, o indonésio e o timorense, lutam por objectivos diferentes mas guiados pelos mesmos princípios de direito, de justiça, de liberdade e da paz! Os 2 povos, irmãos e vizinhos, sofrem a opressão do mesmo regime repressivo.

A independência de Timor Leste será a liberdade para o povo indonésio. A justiça e a democracia na Indonésia será a libertação do Povo Maubere.

Juntos, lutaremos pela paz, pela justiça, pela liberdade e pelo direito de todos os povos do mundo.

Viva Timor Leste!
Pátria ou Morte!
Resistir é Vencer!
A luta continua em todas as frentes.

Kay Rala Xanana Gusmão
Comandante das FALINTIL

(Original assinado)

Prisão de Cipinang, aos 23 de Abril de 1998